

Concepção de doença mental em estudantes de graduação em Psicologia: um estudo compreensivo por meio de desenhos temáticos

*Claudia Aranha Gil**

*Leila Cury Tardivo***

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de analisar e refletir acerca das concepções que estudantes de graduação em psicologia tem sobre doença mental. Com relação à metodologia, foi empregado o Procedimento de Desenhos com Temas com 50 estudantes do segundo ano de graduação em psicologia, 16 homens e 34 mulheres entre 18 e 20 anos, que não haviam tido contato anterior com a disciplina de Psicopatologia, com a instrução: “Desenhe um doente mental e em seguida escreva uma história sobre esta pessoa”. As produções foram analisadas segundo as abordagens qualitativa e quantitativa. Como resultados, os desenhos temáticos realizados por homens refletiram, em sua maioria, associações com dificuldades de adaptação à realidade, desamparo e solidão. A maioria dos desenhos feitos por mulheres parece estar relacionada à mesma tendência. Aparecem ainda concepções relativas ao plano psíquico (sintomatologia) e aos aspectos patológicos, principalmente esquizofrenia e depressão. Um número significativo de desenhos relaciona-se com concepções da doença mental que refletem o plano orgânico, com associações com deficiência mental, dificuldades de aprendizagem e envelhecimento. Há ainda associações com referências culturais e relacionadas a fantasias sobre os tratamentos e cura. Concluímos, dentre vários aspectos, que é grande a mobilização dos alunos frente aos limites entre o normal e o patológico e a identificação e angústia gerada pelo tema em questão.

Descritores: doença mental, estudantes de psicologia, desenhos temáticos.

Graduate student's mental illness conceptions: a comprehensive study through thematic drawings

Abstract

The objective of the present paper was to analyze and to reflect about the conceptions of psychology graduate students on mental illness. Thematic drawing was used with 50 second year graduate students, 16 men and 34 women between 18 and 20 years, who had not had previous contact with the discipline of Psychopathology, with the following instructions: “Draw a mentally sick person and after that, write a story on this person”. The drawings were analyzed according to qualitative and quantitative techniques. As results, the thematic drawings by males reflected in their majority associations with adaptive difficulty to reality, helplessness and loneliness. Most of women's drawings seemed to be connected to the same trend. It was also possible to evidence conceptions related to the psychic plan (symptoms) and to pathological aspects, mainly schizophrenia and depression. A significant number of drawings were related to mental illness conceptions which reflect the organic plan, with associations to mental handicaps, difficulties in learning, and aging. There were also associations to cultural references and related to fantasies about treatments and cures. It was concluded that students are greatly concerned about borderlines between normal and pathological, and that the issue creates identification and distress among students.

Index-terms: mental illness; psychology students; thematic drawings

* Doutoranda do Programa de Pós Graduação do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

** Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da USP.

Conception de la maladie mentale chez des étudiants en Psychologie : une étude compréhensive au moyen de dessins thématiques

Résumé

L'objectif du document était d'analyser et réfléchir sur la conception que peuvent avoir des étudiants du troisième cycle de psychologie sur la maladie mentale. En ce qui concerne la méthodologie, le procédé du dessin avec des thèmes a été employé avec les 50 étudiants du second degré du troisième cycle, 16 hommes et 34 femmes entre 18 et 20 ans, qui n'avaient pas eu de contact précédent avec la discipline de la psychopathologie, avec l'instruction suivante : "Dessiner une personne malade mentale et ensuite, écrire une histoire sur cette personne". Les productions ont été analysées avec des techniques qualitatives et quantitatives. En résultat, les schémas thématiques masculins ont reflété, dans leur majorité, des associations avec la difficulté d'adaptation à la réalité, abandon et solitude. La plupart des schémas des femmes ont semblé être reliés à la même tendance. Il est également possible de démontrer des conceptions liées au plan psychique (symptômes) et aux aspects, principalement à la schizophrénie et à la dépression pathologiques. Un nombre significatif de schémas est lié aux conceptions de maladie mentale, qui reflètent le plan organique, avec des associations au handicap mental, des difficultés dans l'étude et le vieillissement. Il y a également des associations en termes de limites entre normal et pathologique, et ces identifications et détresse sont provoquées par le thème.

Mots-clés : maladie mentale ; étudiants en psychologie ; schémas thématiques

Concepto de enfermedad mental para estudiantes universitarios de psicología: Estudio comprensivo a través de dibujos temáticos

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo analizar y reflexionar acerca de las concepciones que los estudiantes de pregrado de psicología tienen sobre enfermedad mental. Con relación a la metodología, se empleó el Procedimiento de Dibujo con Temas, aplicado a 50 estudiantes del segundo año de psicología, 16 hombres y 34 mujeres, entre los 18 y 20 años, que no habían tenido contacto previo con el curso de Psicopatología, con la indicación dibuje a un enfermo mental y luego escriba una historia sobre esta persona. Los trabajos fueron analizados según abordajes cualitativos y cuantitativos. Como resultado, los dibujos temáticos hechos por hombres reflejaban, en su mayoría, asociaciones con dificultades de adaptación a la realidad, desamparo y soledad. La mayoría de los dibujos hechos por mujeres parecen estar relacionados con la misma tendencia. Aparecen, inclusive, conceptos relativos al plano psíquico (sintomatología) y a los aspectos patológicos, principalmente esquizofrenia y depresión. Un número significativo de dibujos se relaciona con concepciones de la enfermedad mental que se refleja en el plano orgánico, asociado con deficiencia mental, dificultades para el aprendizaje y envejecimiento. También hay asociaciones con referencias culturales y relacionadas a fantasías sobre los tratamientos de cura. Concluimos, entre varios aspectos, que la movilización de los alumnos es fuerte frente a los límites entre lo normal y lo patológico y la identificación y la angustia generada por el tema en cuestión.

Descriptor: enfermedad mental; estudiantes de psicología; dibujos temáticos.

Introdução

O desenho como fenômeno de expressão e forma de projeção dos aspectos da personalidade e sua utilização como instrumento clínico voltado ao diagnóstico, tem sido objeto de estudo da psicologia já há vários anos. Desde os estudos iniciais de Goodenough (1925), Machover (1949) e Bender (1952), a utilização de desenhos como técnica projetiva tem sido largamente utilizado na investigação clínica da personalidade. Assim, Hammer (1981), ao falar sobre o desenho projetivo, enfatiza que se trata de uma forma de expressão que traz em sua essência as percepções

conscientes e inconscientes do indivíduo sobre si mesmo e o ambiente que o cerca e neste sentido: "Os desenhos representam uma forma de linguagem simbólica que alcança uma camada relativamente primitiva do sujeito" (p. 10).

No entanto, no presente estudo queremos focalizar a utilização do desenho como instrumento para a compreensão de concepções que um determinado grupo tem, neste caso, a concepção de doença mental que possuem estudantes de graduação de psicologia e para esta finalidade foi utilizado o procedimento de desenho temático (Aiello-Vaisberg, 1997).

O estudante de Psicologia frente ao ensino da Psicopatologia

No percurso de sua formação, o estudante de psicologia em determinada etapa de seus estudos, depara-se com questões relacionadas a doença mental, que muitas vezes iniciam-se na disciplina de Psicopatologia com as idéias sobre o normal e o patológico e caminham sobre características de diversos transtornos mentais, sustentadas na maioria das vezes, tanto por um arcabouço teórico quanto prático, na forma dos estágios. Aiello-Vaisberg (1999), autora que, ao longo de sua trajetória, tem realizado diversas pesquisas sobre a representação social da loucura, acredita que o aluno chega ao curso de psicopatologia já com determinadas concepções de doença mental, ao contrário de um “vazio representacional”, mas que não se trata de meramente substituir estas representações originais, muitas vezes advindas do senso comum e, portanto, consideradas inferiores, por outras de caráter científico, mas sim de tornar a teoria um instrumento de liberdade e flexibilidade e que permita segundo a autora: “... trabalhar com a transformação do vínculo que o sujeito estabelece com a teoria.” (p. 15).

Ainda para Aiello-Vaisberg (1999), o ensino da psicopatologia está inserido em um contexto de “formação de profissionais que atuarão sobre o sofrimento do homem, socialmente inserido” (p. 11). Deste modo, para a autora a aprendizagem do aluno não se dá somente pelo contato com a teoria, mas de uma forma mais ampla, diz respeito à própria transformação da representação social da loucura, tanto no âmbito teórico quanto no pessoal, sendo aí considerada a própria representação de cada indivíduo.

Revelando uma outra faceta do processo de aprendizagem ao qual estamos nos referindo e que se relaciona com a concepção de doença mental que traz o estudante, Venezian e Tardivo (2005) apontam que o contato com a prática, por meio do estágio supervisionado de atendimento psicológico a pacientes psiquiátricos hospitalizados, portanto com a doença mental, é também o encontro com o pedido de ajuda, com a resistência e com a transferência. Ocorre neste processo a identificação do aluno com o paciente, assim: “Ele quer dar algum destino, formato ou concretude para as teorias que absorve em aula, ao mesmo tempo quer nomear os movimentos que as aulas ou aquelas experiências de encontro causaram em seu próprio circuito psíquico, que afetos despertaram, que mecanismos foram acionados e que fantasias foram ou serão construídas acerca do papel profissional.” (p. 37).

A teoria da Representação Social

Ao procurarmos compreender a concepção sobre doença mental por estudantes de psicologia, é necessário destacar a importância da teoria da representação social. Moscovici (1978) aponta que foi Durkheim quem inicialmente utilizou a expressão “representação coletiva” para designar o que é específico do pensamento social em relação ao pensamento individual. A noção, até então delegada ao campo de estudo da psicologia social, é ampliada por Moscovici (1978) em sua vertente psicanalítica, que conceitua a representação social como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (p. 26). Neste sentido, as representações sociais podem ser vistas como possibilidades de diminuição da angústia existencial, à medida que empresta um sentimento de familiaridade ao que era anteriormente desconhecido. O autor destaca ainda a diferença entre considerar as representações sociais, em um processo dinâmico e relacional, como *produção* de comportamento e suas relações com o meio que o cerca e não somente como mera *reprodução* de comportamentos.

Aiello-Vaisberg (1997), ao realizar estudos sobre representações sociais, cita a importância de autoras como Jodelet (1989), colaboradora de Moscovici, ao sistematizar em sua obra diversas pesquisas sobre representação social no campo das ciências humanas, cita trabalhos, por exemplo, envolvendo temas como a representação social da Aids, da homossexualidade, do trabalho, etc. No entanto, Aiello-Vaisberg (1997) alerta que muitos dos dados colhidos não chegam de fato a colaborar de modo mais eficaz para que determinadas representações sejam de fato *desconstruídas*, possibilitando intervenções mais significativas. Ainda para a autora, apoiada nos conceitos de Bleger (1977), “as representações sociais corresponderiam a um grupo particular de condutas, definidas por ocorrerem na área mental e em âmbito sociodinâmico, na medida em que correspondem a *manifestações simbólicas de subjetividades grupais*.” (p. 258).

O Procedimento de Desenhos Temáticos

O procedimento de Desenhos-Estórias com tema, foi proposto originalmente por Aiello-Vaisberg (1997), a partir da concepção do procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) por Walter Trinca (1997). Utilizado no contexto do psicodiagnóstico compreensivo proposto por Trinca (1984), o procedimento de desenho-história tem se mostrado um valioso auxiliar na compreensão da dinâmi-

ca psíquica dos indivíduos, sendo utilizado em inúmeras pesquisas ao longo do tempo.

Segundo Aiello-Vaisberg (1999), no procedimento de Desenhos-histórias com tema, é feita a solicitação para que se faça um desenho específico de determinado tema e, em seguida, pede-se a pessoa que invente uma história sobre o que desenhou e a escreva no verso da página. Os temas podem ser diversos (por exemplo: desenhe uma pessoa no trabalho, uma criança na escola, etc.) e pode ser dirigido a pessoas de qualquer idade, em aplicações individuais ou coletivas. Quanto aos critérios de aplicação, de modo semelhante ao Desenho-história, pode ser aplicado em pessoas de diferentes condições psicopatológicas, com graus variados de instrução formal e de níveis intelectuais diversos. A autora, como já citamos, realizou diversos estudos envolvendo este procedimento, no qual destacamos o trabalho relativo à representação social da loucura por estudantes de psicologia, realizado em 1999, o qual também inspirou o presente estudo.

Na atualidade, Tardivo (2004) tem, por meio de seu trabalho, contribuído de forma relevante com estudos que utilizam o procedimento de desenhos temáticos. Dentre eles, podemos citar a sua tese de livre-docência que retrata o adolescente e o sofrimento emocional nos dias de hoje, que utiliza o procedimento de desenhos-histórias com tema com jovens em diferentes âmbitos (2004). Mais recentemente, utilizou este procedimento com o objetivo de estudar a concepção que profissionais que lidam com deficientes mentais têm acerca da deficiência mental (2006). Segundo a autora ainda, a finalidade principal do procedimento em questão não é a de realizar o psicodiagnóstico, mas sim favorecer a compreensão de como o indivíduo e seu grupo significam determinada conduta ou situação.

Objetivos

O presente trabalho tem o objetivo de analisar e refletir acerca das concepções que estudantes de gradua-

ção em psicologia têm sobre doença mental. Este estudo mostra-se relevante à medida que, ao buscar esta compreensão, pode ser embasada uma prática voltada a uma formação mais ampla e sólida do profissional psicólogo.

Método

Trata-se de um estudo que seguindo um modelo de complementaridade (Guimarães & Martins, 2004), que utiliza o combinado de métodos qualitativos e quantitativos, visando assim obter uma compreensão maior e mais completa do fenômeno que está sendo estudado.

Foi empregado o procedimento de Desenhos-estórias com temas para 50 estudantes do segundo ano de graduação em psicologia da Universidade de São Paulo, 16 homens e 34 mulheres entre 18 e 20 anos, que não haviam tido contato anterior com a disciplina de Psicopatologia, com a instrução: “Desenhe um doente mental e em seguida escreva uma história sobre esta pessoa”. As produções foram estudadas como expressão do sujeito coletivo, onde foram levantadas hipóteses sobre as concepções de doença mental que este grupo tem.

Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados e discutidos tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo. Considerando o conjunto da produção desenho-estória, foram criados 5 tipos de categorias relativas às concepções de doença mental apresentados pelos estudantes:

- 1) Dificuldades de adaptação à realidade social.
- 2) Descrição de Transtornos mentais/Patologias.
- 3) Etiologia de base orgânica
- 4) Referências culturais
- 5) Ênfase no tratamento e cura.

Embora em algumas produções fosse possível identificar mais de uma categoria, foi considerada a predominância de aspectos relativos a somente um tipo de concepção. (Vide Tabela 1)

Tabela 1: *Categorias de concepção de doença mental por estudantes de Psicologia*

Categorias	Homens	% (16)	Mulheres	% (34)
Dificuldade de adaptação à realidade social	10	62,50	10	29,41
Descrição de transtornos mentais/Patologias	3	18,75	9	26,47
Etiologia orgânica	1	6,25	7	20,59
Ênfase no tratamento e na cura	1	6,25	7	20,59
Referências culturais	1	6,25	1	2,94
	16	100,00	34	100,00

Análise Quantitativa

Entre os 16 homens participantes do estudo, a maioria (10 estudantes) demonstrou ter concepções relativas a dificuldades de adaptação à realidade social. Três estudantes realizaram produções onde evidenciaram-se aspectos ligados à descrição de transtornos mentais, uma pessoa demonstrou ter como idéia relacionada a doença mental uma etiologia de base orgânica, um estudante fez referências a manifestações culturais e um enfatizou aspectos relacionados ao tratamento e cura.

Em relação aos desenhos apresentados pelos estudantes do sexo masculino, 13 representaram figuras masculinas, 1 desenhou uma figura feminina e 2 desenharam pessoas indefinidas quanto ao sexo. Quanto à faixa etária representada, a maioria faz referências a jovens (7) e adultos (8). Há somente um idoso representado e nenhuma criança. A maioria dos homens (11) desenhou figuras que podem ser consideradas mais harmoniosas e proporcionais. Há, porém, 5 desenhos de figuras humanas que demonstraram um maior comprometimento quanto à “gestalt”, pois apresentaram-se incompletas (sendo que dois não possuem corpo, somente a cabeça, em um é omitida a boca e em outro ocorre omissão das pernas) ou bizarras (um desenho).

No que diz respeito a 34 estudantes do sexo feminino, assim como na população masculina, a maioria das participantes (10) demonstrou ter como representação social da doença mental idéias relacionadas à dificuldade de adaptação à realidade social. Quase o mesmo número de participantes (9), expressaram aspectos da ordem da descrição de transtornos mentais diversos, 7 estudantes demonstraram idéias relacionadas à etiologia de base orgânica, uma estudante fez referências a aspectos culturais e 7 enfatizaram nos desenhos o tratamento e a cura.

Quanto aos desenhos, 20 representaram figuras masculinas, 10 figuras femininas e 4 mostraram-se indefinidos quanto ao sexo. A maioria (22) desenhou pessoas adultas, havendo 4 referências a jovens, 2 a crianças, 2 a velhice e 4 demonstraram indefinição quanto à idade. A maioria dos desenhos (22), representou figuras mais harmoniosas. Quanto a “gestalt”, 12 desenhos demonstraram um maior comprometimento, com figuras incompletas ou consideradas bizarras.

De modo geral, podemos verificar que, em ambos os sexos, mas de modo acentuado em estudantes do sexo masculino, a representação da doença mental é do homem, na maior parte das vezes, adulta. Há algumas referências a jovens e muito poucas com relação a crianças e idosos. Há o predomínio de figuras mais harmoniosas e

proporcionais em ambos os sexos, sendo que o grau de desenhos mais comprometidos, embora em número menor possa ser interpretado como sinal de angústia e dificuldades em lidar com o tema em questão.

Análise Qualitativa

De acordo com as associações realizadas pelos alunos, verificamos que é expressiva, em ambos os sexos, a representação da doença mental relacionada a dificuldades de adaptação à realidade social. Quando nos referimos a esta categoria, acreditamos que esta expressa, de modo geral, a idéia da linha tênue entre sanidade e loucura, ou seja, que a doença mental está relacionada a sentimentos gerados pela ação do mundo sobre ele e que pode acometer pessoas consideradas “normais”. Assim, aparecem associações, por exemplo, com sentimentos de angústia, solidão, baixa auto-estima, infelicidade, insatisfação, desamparo, tristeza e sofrimento. A título de exemplo, citamos algumas verbalizações cujos desenhos encontram-se em anexo.

Participante 1 – “Quase sempre ele se sente só e desamparado... Sua auto-estima flutua entre média e muito ruim...”.

Algumas produções relatam também a fantasia de que a doença mental pode afetar pessoas consideradas “comuns” ou “normais”, ou mesmo estar relacionada a valores morais, gerando questionamentos sobre o que é de fato a loucura e se o modo de vida atual acaba gerando comportamentos encarados como sintomas de doenças mentais.

Participante 2 – “É uma pessoa comum, num lugar qualquer (no sentido de que qualquer um pode ser doente mental, não há restrições; mas não no sentido de que todos sejam)”.

Participante 3 – “Esse cara vive a vida dele em função do dinheiro... por mais que ele consiga, está sempre infeliz e insatisfeito e com medo de ficar sem dinheiro...”.

A idéia da vida moderna e suas conseqüências como sinônimo de loucura evidenciam-se na verbalização da estudante, que desenha um homem aparentando ser um executivo.

Participante 4 – “Não dá pra saber quem é louco”.

Observamos também nestas produções a ênfase na situação social como diretamente relacionada à doença mental. Aparecem aí associações com pessoas que vivem na rua, miséria, abandono e falta de cuidados pessoais.

Participante 5 – “É um cara que, após perder a mulher, toma banho apenas quando o obrigam. Como parou de trabalhar, o despejaram de sua casa; agora vive na rua como mendigo.”

Realizar associações com relação à descrição de transtornos mentais e patologias parece ser uma preocupação mais feminina, embora seja também significativa no sexo masculino. Assim, notamos nestas associações tanto a necessidade de nomear as patologias (esquizofrenia, depressão, síndrome do pânico, etc.) quanto descrevê-las (distorção da realidade, alucinações, estar alheio ao mundo, agressividade, etc.). Estas associações nos fazem pensar na necessidade de buscar um referencial externo por meio de uma linguagem que possa, ao nomear e descrever, também encontrar um sentido. Como exemplo deste tipo de concepção temos a verbalização do participante 6.

Participante 6: “Fernando, 32 anos, esquizofrênico, sofrendo pelos tormentos de suas alucinações e pela falta de compreensão dos outros para com o seu estado, o que acabou levando-o à depressão”.

Em um pequeno número no sexo masculino e um número mais significativo entre as mulheres, aparece às associações denominadas como “Etiologia de base Orgânica”, justamente por incluir verbalizações referentes à deficiência mental, crianças que não aprendem e estudam em escolas especiais, condutas diferentes do esperado pela idade ou velhice acompanhada de esclerose, perda de memória, como demonstrou o participante 7.

Participante 7: “Ele é um velhinho que começou a ter sintomas de esclerose e não se reconhecia mais. Um dia ele saiu de casa e não voltou mais”.

Associações que tenham a sua ênfase no tratamento e cura da doença mental também parecem ser uma preocupação mais feminina do que masculina e expressam-se por verbalizações que incluem: internações no hospital psiquiátrico, formas de tratamento (arteterapia, morar com os pais e fazer terapia 3 vezes por semana etc.), o que demonstrou o participante 8.

Participante 8: “Ele vive em uma instituição psiquiátrica e não vê a sua família há muito tempo.”

Referências culturais são raras em ambos os sexos e encontramos no total da amostra somente uma associação com um personagem de um filme e outro com uma obra de arte, como demonstrou o participante 9.

Participante 9: “O desenho foi baseado no quadro ‘O Grito’ de Van Gogh”.

Considerações finais

Por meio da análise dos desenhos-estórias temáticas que compuseram a amostra estudada, podemos levantar a hipótese de que a representação social da doença mental está relacionada basicamente ao homem adulto que, em sua maioria, se vê as voltas com conflitos que dizem respeito ao limite e relações que envolvem o que consideram normal e patológico, independente do sexo do estudante em questão.

A partir deste dado, podemos pensar que associar doença mental com sentimentos atribuídos a qualquer ser humano ou com aspectos inerentes ao modo de vida contemporâneo, pode refletir, em última instância, a angústia de se sentir identificado com a doença justamente por fazer parte da humanidade à qual nós todos pertencemos, ou seja, reflete a própria angústia que permeia o aprendizado da Psicopatologia: o medo de identificar os próprios sintomas e a angústia cujos conteúdos considerados patológicos venham a emergir. Nesta mesma linha, atribuir a doença mental ao louco de rua possui também um caráter defensivo à medida que, ao invés de trazer para perto, afasta o objeto de representação de si mesmo.

A concepção de doença mental associada à descrição dos transtornos mentais parece ser refletir a ansiedade, no caso predominantemente feminina, em buscar referenciais externos que nomeiem e descrevam encontrar um sentido que possa aliviar a angústia gerada. Esta mesma tendência em nomear, localizar e explicar aparece nas concepções relacionadas ao orgânico e tratamento e cura. Ficou evidente também que aspectos culturais não parecem estar associados às produções.

Deste modo, podemos concluir que refletir e compreender melhor a representação social da doença mental por estudantes de psicologia pode contribuir, para que ocorram transformações significativas quanto ao vínculo que o aluno irá estabelecer tanto com a teoria quanto com a prática, de forma a colaborar com a formação de um profissional psicólogo que possa, cada vez mais, estar sensível ao sofrimento humano.

Referências

- Aberastury, A. (1986). *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ancona-Lopez, M. (org.) (1998). *Psicodiagnóstico: processo de intervenção*. São Paulo: Cortez.
- Azeno, M. E. G. (1999). *Psicodiagnóstico Clínico: novas contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Arzeno, M. E. G. (2000). *Reflexiones sobre el quehacer psicodiagnóstico*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleger, J. (1975) *Psicología de la Conducta*, Buenos Aires Editorial Paidós.
- Bleger, J. (1972). *Temas de psicología*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- Cunha, J. et al. (2000). *Psicodiagnóstico-R*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gil, C. A. (2005). *Envelhecimento e Depressão: da perspectiva psicodiagnóstica ao encontro terapêutico*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005.
- Grassano, E. (1996). *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ocampo, M. L. S., Arzeno, M. E. G. & Piccolo, E. G. (1981). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Paulo, M.S.L.L. (2004). *O Psicodiagnóstico Interventivo com pacientes deprimidos: alcances e possibilidades a partir do emprego de instrumentos projetivos como facilitadores do contato*. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.
- Tardivo, L.S.P.C. (2004). *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje: reflexões psicológicas - encontros e viagens*. Tese (livre docência) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Tardivo, L.S.P.C. & Vaisberg, T.M.J.A. (2002). Natureza e esportes ou violência e drogas? A juventude no imaginário de jovens indígenas aculturados. *Psic* – *Revista de Psicologia*, Vetor Editora Psico-pedagógica. São Paulo, v. 2, n. 2/3, 26–37.
- Tardivo, L. S. P. C. (2003). El empleo de técnicas proyectivas en encuentros terapéuticos: relato de un caso. In: *XII Congreso Latinoamericano de Rorschach y otras Técnicas Proyectivas, Montevideo. Transformaciones en la Subjetividad: Retos a la Psicología y sus Instrumentos*. Tradinco. v. 1. pp. 695-700, Montevideo: Uruguay.
- Tardivo, L. S. P. C. (2004).
- Trinca, W. (1976). *Investigação Clínica da Personalidade - O Desenho Livre como Estímulo de Apercepção Temática*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Trinca, W. (1972). *O Desenho livre como Estímulo de Apercepção Temática*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
- Trinca, W. (org.) (1984). *Diagnóstico psicológico: a prática clínica*. São Paulo: EPU.
- Vaisberg, T. M. J. A. (2001) *O ser e o fazer na clínica*. Anais do V Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica - A Clínica em Psicoterapia Psicanalítica. Departamento de Psicologia Clínica, IPUSP, 82-91.

Artigo recebido pela Comissão Editorial em 12/11/2007 e aprovado para publicação em 18/12/2007